

O Bom Samaritano

Timothy RADCLIFFE

Brasília 2012

Bom dia! É para mim um grande prazer voltar ao Brasil. Sinto-me muito honrado por ter sido convidado para este encontro das Equipas de Nossa Senhora. Este é o meu primeiro encontro com o vosso Movimento. Quem me dera conhecer-vos melhor, assim como as vossas expectativas e os vossos desafios para ter podido preparar-me melhor. Lembro-me de um dos meus irmãos que deu uma conferência em Chicago. Quando ele se sentou, os aplausos não foram muito entusiásticos. Ele voltou-se para o homem que estava ao seu lado e disse: «Espero que não tenha sido assim tão mau», ao que o homem respondeu: «Ó, a culpa não é sua. A culpa é sobretudo de quem lhe pediu que falasse».

Li muitos dos documentos que prepararam para este encontro e aprendi muito. Vocês estão na linha da frente em algumas questões que são urgentes para toda a Igreja.

A razão de ser do vosso Movimento é «ajudar os casais a descobrir as riquezas do sacramento do matrimónio e a viver uma espiritualidade conjugal»¹. No centro da vossa vocação está a convicção de que o matrimónio é uma maravilhosa vocação cristã e uma parte essencial de qualquer sociedade humana. Mas vocês têm plena consciência de que muita gente considera o casamento difícil. Muitas vezes, é lugar de sofrimento, de incompreensão e até de violência. Além disso, são cada vez mais as pessoas que não se casam. É frequente muitas pessoas viverem juntas e criarem filhos sem sequer pensarem em casamento. Milhões de pessoas são divorciadas e recasadas. Existem também uniões de pessoas do mesmo sexo.

Uma grande questão para muitos de vocês é, pois, como ser fiel ao vosso carisma original e, ao mesmo tempo, encarar a realidade que tantas pessoas vivem. Todos vocês estão comprometidos no matrimónio e, no entanto, todos têm amigos, familiares e talvez filhos cujas vidas seguiram outro rumo. Qual é a vossa missão em relação a eles? Como podem chegar até eles para partilhar o vosso amor pelo matrimónio sem os fazer sentir-se excluídos? Estas são grandes questões para toda a Igreja. E é uma bênção que ousem levantar estas questões de forma explícita. Tenho de ser honesto. Não tenho respostas simples, mas, pelo menos, espero que possamos ter um debate honesto e cheio de esperança. «Veritas», verdade, é a divisa da Ordem dos Dominicanos, e toda a verdade evangélica é cheia de esperança.

Um homem andava a sobrevoar o sul de Inglaterra num balão de ar quente. Tinha-se perdido e não fazia ideia de onde estava. Até que pousou numa árvore. Viu dois homens que passavam e perguntou-lhes: «Ajudem-me! Onde estou?», ao que um deles respondeu: «Está numa árvore». «Você deve ser dominicano!» «Porquê?» «Porque o que disse é verdade mas inútil!».

Pediram-me também que considerasse estas questões à luz da parábola do Bom Samaritano. Isso é um desafio, porque a parábola não toca directamente o divórcio ou o casamento gay! Mas é

¹ *Guia das Equipas de Nossa Senhora*, p. 11.

uma exploração profunda do significado do amor e, assim, pode ajudar-nos na nossa procura de um caminho a seguir.

Conversa

Esta parábola está inserida numa conversa. O doutor da Lei pergunta a Jesus como pode possuir a vida eterna, e Jesus responde-lhe com o mandamento de amar a Deus e o próximo como a si mesmo. O doutor da Lei pergunta então quem é o seu próximo. Jesus conta a história do Bom Samaritano, terminando com outra pergunta: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?». O doutor da Lei responde, e Jesus replica-lhe: «Vai e faz tu também o mesmo». É uma verdadeira conversa pela qual Jesus ajuda o doutor da Lei a avançar para a verdade.

Todo o ensino cristão envolve uma conversa. A palavra “homilia” vem de uma palavra que significa “conversa”. Isto porque a vida de Deus é uma conversa eterna entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Jesus é o Verbo de Deus, que nos convida a entrar na conversa amorosa da Trindade. Pela sua própria natureza, a verdade cristã não pode ser imposta a partir de cima. É a Palavra de Deus que suscita a nossa resposta. S. Domingos fundou a Ordem dos Pregadores em resultado de uma conversa com um estalajadeiro que durou toda a noite. Ele não podia ter passado a noite inteira a dizer «Está enganado, está enganado». A conversa implica aceitação da outra pessoa.

Vocês vêem-se confrontados com a pergunta: Que podem dizer às pessoas que vivem juntas, aos divorciados recasados ou aos homossexuais? Que podem dizer que seja, ao mesmo tempo, abertura à verdade das suas vidas e fidelidade à doutrina da Igreja? Só o podem descobrir se estabelecerem uma conversa. Falarão com autoridade se derem autoridade à experiência deles. Se os escutarem, se se puserem no seu lugar, se se puserem na sua pele, então talvez o Senhor vos dê a palavra certa.

As pessoas tentaram muitas vezes armar ciladas a Jesus fazendo-lhe perguntas impossíveis de responder. Por exemplo: «Devemos pagar impostos aos romanos?». Se ele disser que sim, é colaboracionista, mas, se disser que não, é um insurrecto. «Devemos ou não apedrejar esta mulher que foi apanhada em adultério?». Se ele disser que sim, é impiedoso, e, se disser que não, rejeita a lei. Por vezes, esta é também a nossa experiência. Se afirmarmos com veemência o nosso compromisso para com o casamento, parece que excluímos os milhões de pessoas cujas vidas tomaram outro rumo. Se não afirmarmos o casamento, traímos algo de vital na vida cristã. Como Jesus, podemos sentir que estamos num dilema impossível!

Mas Jesus encontra sempre um caminho a seguir. Porque a graça de Deus cria um espaço novo em que se pode ser, ao mesmo tempo, misericordioso e fiel. Com a graça do Espírito Santo, devemos ousar entrar em diálogo com pessoas cujas vidas são complexas, e rezar para que encontremos uma palavra que venha de Deus. Uma palavra inesperada, uma palavra nova, que é também a eterna palavra do amor. Para ouvir essa palavra, temos de ousar escutar: escutar Deus que é amor; escutar a Igreja, e escutar, com abertura de coração e de espírito, aqueles cujas vidas são diferentes da nossa.

A conversa também nos diz alguma coisa sobre a moral sexual. A moral sexual não consiste apenas no que é proibido ou permitido. Não consiste fundamentalmente em regras. O sexo não é principalmente um acto físico. No verdadeiro amor sexual, o casal fala entre si. Cada um diz ao outro: «Isto é o meu corpo dado por ti». Cada um oferece ao outro uma palavra feita carne. A primeira pergunta acerca de qualquer acto sexual não é: «É permitido?», mas: «Que é que ele exprime?».

Se alguém fizer amor com uma pessoa e a deixar no dia seguinte sem intenção de a voltar a ver, esse alguém disse uma coisa com o seu corpo que nega com a sua vida. O significado intrínseco do acto sexual é o dom de si. É um acto de comunhão e de comunicação. Assim, se falarem com um jovem casal que vive em união de facto, a primeira coisa não é dizer-lhes que a relação sexual não é permitida. É ajudá-los a ver o que ela significa, o que exprime. Convidamos essas pessoas a descobrirem o profundo e maravilhoso significado da nossa sexualidade.

Creio que o fundamento de toda a moral sexual cristã é a Última Ceia. Diante do sofrimento e da morte, Jesus dá-se aos discípulos. «Este é o meu corpo entregue por vós». Foi um acto de fidelidade, mesmo quando eles não lhe foram fiéis. «Dou-me a vós para sempre». Foi um acto de generosidade. Dou-vos tudo o que sou. Foi um momento de vulnerabilidade, quando Jesus se colocou nas mãos dos discípulos para que eles fizessem dele o que quisessem.

A moral sexual ensina-nos a viver essa fidelidade, essa generosidade e vulnerabilidade um com o outro. E assim, parte da vossa missão é ajudar as pessoas a verem a beleza da sexualidade. Elas poderão então procurar como viver esses valores na sua própria situação pessoal. A parábola do Bom Samaritano tem alguma coisa a dizer sobre cada uma destas coisas.

Quem é o meu próximo?

O doutor da Lei faz uma pergunta: «Quem é o meu próximo?». Parte dele próprio. Quer saber os limites do seu amor. Jesus inverte esta pergunta com outra: «Qual destes três foi o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?». Este é um amor que não tem limites, porque nunca sabemos quem vai precisar de nós.

A pergunta do doutor da Lei é literalmente egocêntrica. Ele vê o mundo do seu ponto de vista. O maior desafio com que todos nos confrontamos é sermos libertos deste egoísmo. Começamos esta viagem em bebés. O bebé recém-nascido é o centro do seu próprio mundo. O crescimento é a longa descoberta de que existem outras pessoas e de que elas não existem apenas para fazer a sua vontade. Por trás do peito há uma mãe. Alguns de nós continuam egocêntricos. Noel Coward, dramaturgo inglês, encontrou um amigo que não via há muitos anos e disse-lhe: «Não temos tempo para falar de nós dois, por isso, falemos de mim». Uma vez, um pensador famoso passou uma temporada em Blackfriars. Chamavam-no ao telefone e fomos todos à sua procura. Encontrámo-lo na cozinha e dissemos: «Ah, você está aí». E ele respondeu: «Não, eu estou aqui, vocês é que estão aí».

A parábola convida o doutor da Lei a esquecer-se de quem ele é e a identificar-se com o samaritano, o odiado inimigo dos judeus. Ele tem de ser liberto do estreito mundo da Lei, que

formula obrigações precisas. Tem de se tornar num ser humano, num filho do Deus Universal. Tem de descobrir quem é através de quem precisa dele.

Isto diz-nos alguma coisa de profundo acerca da natureza do casamento. Legalmente, o casamento é um contrato que une dois seres humanos. Cada vez mais, este contrato é considerado temporário. As pessoas negociam contratos pré-nupciais para o caso de o casamento falhar.

Mas, no casamento, prometemos descobrir quem somos com essa outra pessoa desconhecida. Um jovem meu amigo casou-se há um par de anos. Quando tiveram o primeiro filho, foi um momento de revelação. Quando olharam um para o outro, cada um deles viu alguém que nunca tinha visto antes, um pai e uma mãe. Quando alguém se casa e tem filhos, morre a velha pessoa solitária que era antes. Nunca se volta a ser o mesmo, razão pela qual os pais sofrem muitas vezes de depressão pós-natal. Têm de chorar a perda do indivíduo solitário que foram e que já não existe.

A cada etapa da vossa vida de casados, descobrirão novos aspectos do que são e de quem é a pessoa com quem se casaram. Quando um de vocês é confrontado com a doença, mais uma vez ambos mudam. Se a outra pessoa tiver uma depressão ou a doença de Alzheimer, haverá uma nova descoberta a fazer. Estar casado é prometer continuar a viagem da descoberta, ser surpreendido por si e pelo outro. Martin Buber, filósofo judeu, falou da verdadeira amizade como “Santa Insegurança”. Ninguém sabe no que se vai tornar quando empreende o caminho para Jericó.

Vocês prometem deixar a outra pessoa continuar a ser uma surpresa. Depois de algum tempo, a tentação pode ser pensar que decifram a outra pessoa. Ouviram todas as histórias da sua infância, são capazes de prever as suas graças, sabem o que ela vai pedir no restaurante e do que se vai esquecer ao fazer a mala para as férias. Mas vocês prometem deixá-la surpreender-vos. Prometem surpreender-se convosco próprios!

Assim, todo o amor verdadeiro convida-nos a deixar de parte a nossa autodefinição. Não sei com antecedência quem é a pessoa de quem tenho de me tornar próximo. Parte do nosso testemunho cristão é não nos preocuparmos com quem somos. Quando Dietrich Bonhoeffer estava na prisão, era assombrado por questões sobre a sua própria identidade. Por fim, aprendeu a deixá-la nas mãos de Deus.

«Quem sou eu? Estas minhas questões solitárias atormentam-me.
Quem quer que eu seja, tu sabes, ó Deus, que eu sou teu».

Na vossa missão neste mundo de relações destruídas, vocês podem ajudar as pessoas a terem a coragem de se comprometerem nesta viagem, deixando de parte velhas auto-definições. As pessoas podem viver em união de facto porque têm medo do risco do compromisso. Podem dar-lhes coragem. Se são divorciadas recasadas, podem ter medo de voltar a ser feridas. Podemos convidá-las a empreender a aventura do amor, ousando ser mais do que tínhamos pensado. Herbert McCabe OP costumava dizer: «Se amas, serás crucificado; se não amas, então já estás morto».

Amanhã e depois de amanhã, falarei de como o samaritano viu o homem na estrada e teve compaixão. Hoje, centremo-nos na frase seguinte:

«Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”».

Neste texto vemos o que é fundamental para qualquer amor e, portanto, para a moral sexual: fidelidade, generosidade e cura das feridas. Até ao final desta conferência introdutória vamos olhar para estas realidades. Isto é o que temos de aprender no nosso casamento e de oferecer às pessoas que estão noutra tipo de relação.

Em primeiro lugar, vejamos a fidelidade. Na Última Ceia, Jesus deu-nos o seu corpo para sempre. Não importa que os discípulos não lhe sejam fiéis; ele ser-nos-á sempre fiel. Se o amor é a vida de Deus, então o amor deve ser eterno. O matrimónio é um sacramento do amor fiel de Deus porque é para o melhor e para o pior, «na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida». E nós acreditamos que o significado intrínseco do dom do vosso corpo a outra pessoa é que ele é dado para sempre. Será este um ideal longínquo e impossível?

Está muito longe de como muita gente vê hoje o significado do sexo, muitas vezes simplesmente uma actividade de prazer. Que podemos dizer aos divorciados recasados? É inútil confrontá-los com o fracasso dos seus casamentos anteriores. Nenhum de nós pode julgar. Qualquer de nós podia encontrar-se hoje na mesma situação. Assim, que podemos dizer da fidelidade no amor?

Os discípulos não foram fiéis na Sexta-feira Santa. No tribunal do Sumo Sacerdote, Pedro negou Jesus: «Não conheço o homem». A maior parte dos outros discípulos fugiu. Jesus deu-se àqueles que à partida não eram fiéis. Eles têm de aprender lentamente a ser fiéis. Pedro levou muito tempo até se tornar uma rocha. Na praia, Jesus perdoa-lhe a sua falta, mas ele ainda tem que aprender. Segundo uma lenda antiga, Pedro fugia de Roma num tempo de perseguição e encontrou Jesus, que ia na direcção oposta. Pedro perguntou a Jesus: «Aonde vais?, Quo Vadis? O lugar está hoje assinalado por um restaurante caro a que os pobres dominicanos não se podem permitir ir. E Jesus respondeu: «Vou morrer pela segunda vez». Pedro, então, deu meia volta e foi enfrentar a morte. Finalmente, ao cabo de um longo período, que durou toda a sua vida, tornou-se uma pessoa fiel.

Assim, a fidelidade não é uma coisa que simplesmente se tem ou não se tem. As pessoas que vivem uma segunda ou terceira relação podem ainda, como Pedro, aprender a virtude da fidelidade a outra pessoa. Todos nós aprendemos lentamente a ser pessoas fiéis. A fidelidade é muito mais do que não cometer adultério, embora isso faça parte da fidelidade. É ser fiel à verdade da outra pessoa. Um professor universitário dizia que não se devia ser demasiado verdadeiro. Um dia, disse à sua mulher, que parecia um pouco fatigada de manhã: «Minha querida, como és bonita de manhã». E ela respondeu: «E o resto do dia?».

A fidelidade é estar atento ao que o outro vive, aos pequenos sinais de decepção ou de tristeza, aprendendo a desbloquear a sua alegria, a compreender os seus medos e a não julgar os seus fracassos. Tudo isto é fidelidade, e todos nós estamos lentamente a aprendê-lo.

Precisamos de aprender a fidelidade em todas as nossas amizades, pois cada amizade é uma parte do amor eterno de Deus. Fidelidade aos nossos pais quando ficam velhos; fidelidade aos nossos filhos, mesmo se eles se afastam de nós; fidelidade aos nossos amigos, mesmo se eles se divorciam e voltam a casar pela quarta vez; fidelidade à Igreja, mesmo quando ela nos decepciona e nós desejamos criticá-la. Os membros da Igreja são chamados “fiéis”. Qualquer amor verdadeiro é sempre para sempre. Assim, parte do que podemos aprender no nosso casamento e levar ao mundo de relações desfeitas é a virtude da fidelidade. Nunca é tarde demais para recomeçar, como aconteceu com Pedro.

Jesus sabe que Judas o vai entregar aos seus inimigos, que Pedro o trairá e que os outros discípulos vão querer não ter nada a ver com ele. Ele toma estas traições e faz delas um dom. «Isto é o meu corpo entregue por vós». Vocês entregar-me-ão aos romanos e pretenderão não ter nada a ver comigo. Mas eu transformo a vossa entrega em dom. Esta é a suprema generosidade do amor divino.

Diante da traição nas nossas relações, será que vivemos essa suprema generosidade? Se a outra pessoa falha, afirmamos a nossa própria superioridade moral? Utilizamos as suas falhas para dominar? Mas Jesus não o fez. Fez da falta dos discípulos um momento de graça. Fez dela o momento de uma intimidade nova e mais profunda. Não houve censura alguma.

Nesta secção não falei do Bom Samaritano porque ele não se vai casar com o homem que caiu nas mãos dos salteadores! Mas, no entanto, ele encarna uma espécie de fidelidade. Descobre o homem e cuida dele. Depois, deixa-o na estalagem e prossegue o seu caminho, prometendo voltar. Mostra amor pelo homem, mas cada um deles deve viver a sua própria vida. Aproxima-se do homem na sua situação crítica, mas, no entanto, não interfere na sua vida.

O amor de Deus habita este mesmo dinamismo de proximidade e não interferência. Para nós, existir é sermos amados por um amor que é extremamente íntimo e que, contudo, nos dá espaço para sermos nós próprios. O nosso amor é uma parte ínfima desse amor divino que nos sustenta no âmago do nosso ser e que nos deixa ser nós próprios.

Sto. Agostinho disse que Deus está mais próximo de nós do que nós mesmos. Para descobrirmos Deus, fazemos uma viagem interior, e descobrimo-lo como a pulsação que nos sustenta no nosso ser. No âmago do meu ser não estou sozinho. Sou amado para ser eu próprio a cada momento. Deus está mais próximo de nós do que o nosso marido ou a nossa mulher.

E, contudo, Deus deixa-nos ser. Deus diz: «Faça-se a luz» e a luz foi feita. Herbert McCabe escreveu: «A criação é simples e unicamente deixar as coisas ser, e o nosso amor é uma tênue imagem disso»². Deus não pula diante de nós dizendo: «Eh, olhem para mim. Eu amo-vos». Deus é incrivelmente discreto.

² *God matters*, p. 108s.

O nosso amor fiel tem certamente necessidade de aprender uma certa combinação de intimidade e de deixar a outra pessoa respirar. Herbert escreveu: «O que nos dá campo de acção, o que nos dá espaço para crescermos e sermos nós próprios é o amor que nos vem de outra pessoa. O amor é o espaço em que podemos desenvolver-nos, e é sempre um dom... Dar amor é dar o dom precioso de nada, é dar espaço... Dar amor é deixar o outro ser»³.

S. Tomás de Aquino escreveu que «no amor, os dois tornam-se um só mas permanecem distintos». A arte de amar sabe quando ser um e quando ser dois, quando estar próximo e quando dar espaço. Por vezes, posso querer intimidade, mas o outro tem necessidade de respirar. Ou talvez eu queira estar sozinho, mas vejo que a outra pessoa deseja um abraço. O verdadeiro amor consiste em estar aberto àquilo de que o *outro* precisa nesse momento. Às vezes, os adolescentes que atravessam um período difícil não sabem o que querem. Se os abraçamos, dirão: «Deixe-me em paz», e, se o fizermos, dirão: «Ninguém gosta de mim». Nada está bem. E amá-los significará suportar esse período de confusão.

Será a mesma coisa na vossa missão junto das pessoas que vivem relações feridas. Terão que descobrir quando estar próximos e oferecer intimidade e quando se conter e não se intrometer. Isto implica uma grande sensibilidade, para poder ler os seus rostos e compreender a sua linguagem corporal.

Uma última palavra sobre violência: o samaritano deixa a segurança de Jerusalém e aventura-se no mundo violento, onde encontra um homem que foi deixado como morto. A vossa missão leva-vos também a um mundo violento, onde encontrarão muitas pessoas feridas.

Todas as nossas relações são marcadas por feridas. No casamento há feridas de decepção: Ele esqueceu-se outra vez do nosso aniversário de casamento! Também feridas de infidelidade, feridas de palavras violentas ou silêncios agressivos, e até verdadeiras feridas físicas de violência doméstica. As pessoas que vivem outras formas de relação também terão feridas. Feridas de relações anteriores que correram mal, de incertezas. Os homossexuais sofrerão as feridas da não aceitação, dos preconceitos, talvez rejeição por parte das suas famílias. Se queremos oferecer-lhes cura, teremos de encarar as nossas próprias feridas e tornar-nos pessoas que gozam do próprio shalom de Deus.

Há uma relação estreita entre violência e sexo. Muito sexo é deformado pela violência. No Antigo Testamento, vemos o rei David tomar à força Betsabé, mulher de Urias o hitita, e depois mandar matar o marido dela. Hoje vemos a violência da violação em zonas de guerra como o Congo, a violência do abuso de crianças, a violência da prostituição.

Permitam-me que me cite: «A Última Ceia ensina-nos que o cerne de uma moral sexual cristã é a renúncia à violência. Procuramos a reciprocidade e a igualdade. Quando alguém deseja o corpo de outra pessoa, esse desejo não deve ser ávido, procurando apoderar-se do corpo, como se este fosse um pedaço de carne a ser devorado. Temos de aprender a desejar de forma a deleitar-nos com o outro, a prezar a sua vulnerabilidade, a ter prazer na sua existência. Devemos deleitar-nos com o outro como Deus se deleita connosco, ternamente e sem dominação. Se

³ *God matters*, p. 108.

houver posse, esta tem de ser mútua. Como diz S. Paulo, “A esposa não pode dispor do próprio corpo, mas sim o marido; e, do mesmo modo, o marido não pode dispor do próprio corpo, mas sim a esposa” (1 Coríntios 7,4)»⁴. Se queremos chegar às pessoas no mundo das relações feridas, então temos de ousar encarar toda a violência no nosso próprio casamento, seja ela palavras que ferem, desprezo ou mesmo violência na nossa sexualidade. Então seremos capazes, como o Senhor ressuscitado, de dizer às outras pessoas feridas: «A paz esteja convosco».

Há também a grande ferida da pobreza. Graças a Deus, o Brasil está a tornar-se uma potência económica, e milhões de pessoas têm sido libertas da pobreza. Mas, no entanto, o nosso mundo está ferido por terríveis desigualdades de riqueza, com mais de um bilião de pessoas em pobreza aguda. A pobreza é destruidora do casamento. Se uma pessoa é pobre, tem de viajar para longe para encontrar trabalho, e, muitas vezes, os trabalhadores são separados das suas famílias e dos seus filhos. O desemprego é destruidor da vida de família. Um estudo na Grã-Bretanha mostrou recentemente que os homens desempregados recebiam, geralmente, enorme simpatia e apoio por parte das suas mulheres durante cerca de seis semanas. Depois, o homem começa a perder confiança em si e, por fim, a estima da mulher. Assim, amar e promover o casamento implica também a luta contra a pobreza e a oposição às crescentes desigualdades do nosso mundo.

Tenho que acabar! Vocês enfrentam um grande desafio, que é um desafio para toda a Igreja: Como podem ser fiéis à vossa espiritualidade conjugal e, ao mesmo tempo, ter uma missão no nosso mundo despedaçado, em que tanta gente vive outras formas de relação: a união de facto, os divorciados recasados, os homossexuais? Que missão têm neste mundo de relações feridas e desfeitas?

Vimos que Jesus conversa com o doutor da Lei. Toda a missão cristã implica conversa em que falamos e escutamos, ensinamos e aprendemos. Se ousarmos escutar — Deus, a Igreja e os que sofrem —, então o Senhor dar-nos-á uma palavra que seja fiel e nova. A parábola também sugere alguns caminhos para avançar. Todo o amor convoca-nos para além de qualquer identidade estabelecida. Temos de deixar de parte as nossas autodefinições prévias. Todos somos chamados a amar com fidelidade. Isto é um desafio para nós, mesmo para aqueles cujo casamento é forte. Temos de aprender a ser vulneráveis, correndo o risco de ser feridos, como Jesus, mas com a esperança de que todo o ser humano, independentemente do que tiver feito, está a caminho de um amor que ultrapassa toda a nossa imaginação. Se curarmos o nosso próprio casamento de toda a violência, então seremos portadores da paz de Cristo.

⁴ Lytta Basset, Eric Fassin and Timothy Radcliffe *Christians and Sexuality in the Time of Aids* London 2007 p. 62.